

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I

INICIAÇÃO ESPORTIVA: aprendizagem do handebol pelo método sistêmico

Autor: Adir Marques Garcia¹

Orientador: João Fernando Christofolet²

Resumo

Na perspectiva de auxiliar na participação dos alunos, o presente trabalho de intervenção pedagógica que compõem esta unidade didática, tem o papel de contribuir para que consigamos verificar se o uso de métodos sistêmicos de ensino na iniciação esportiva de uma modalidade favorece uma participação mais efetiva dos alunos nas aulas. Nesse sentido, está inclusa a intenção de avaliar o envolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem que ocorre por meio de um método diferenciado de ensino e, também, promover uma maior e, mais eficiente participação dos alunos nas aulas. Espera-se, assim, contribuir para o ensino-aprendizagem dos alunos. Dentro das propostas apresentadas é importante salientar a necessidade de relacionar as atividades com as situações reais de jogo, isso faz com que o aluno comece de uma certa forma a desenvolver um raciocínio lógico relativo a situações com tomadas de decisão que só se apresentam durante o jogo.

Palavras-chave: Educação Física; Iniciação esportiva; Handebol; Tomada de decisão.

1 Introdução

Na iniciação de uma modalidade esportiva, se trabalharmos somente através de exercícios de repetição, não conseguiremos atrair muito o interesse dos alunos, principalmente se não mostrarmos a eles a relação entre esse exercício e a sua utilização dentro do jogo, fazendo com que ele aprenda a tomar decisões. Uma das

¹ Professor de Educação Física da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná.

² Professor do Curso de Educação Física da Unioeste. Doutor em Educação Física.

grandes dificuldades de qualquer professor é associar o conteúdo a uma vivência prática do aluno, de tal modo que ele possa assimilar em seu dia-a-dia.

Ensinar o esporte é fazer com que o aluno entenda a sistemática que envolve uma partida. De forma resumida, pode-se dizer que os métodos fracionados fazem com que o aluno aprenda os fundamentos do jogo, enquanto que o método situacional proporciona um desenvolvimento lógico que, para a sistematização do jogo, é importante. Ele permite que a própria prática do esporte seja mais eficaz, acredita-se que, pelo modo situacional, esta nova experiência será assimilada com mais eficiência, possibilitando ao aluno se destacar na modalidade treinada, seja ela qual for.

No dia-a-dia escolar, o esporte, que é um conteúdo estruturante, pode ser entendido como o mais fácil e o mais difícil de ser trabalhado. Mais fácil por apresentar maior receptividade e interesse por parte dos alunos e mais difícil por englobar em seu conteúdo gestos técnicos, performance, os quais sabemos que nem todos os alunos conseguem executar com qualidade. O fato é que face às inúmeras tecnologias atuais que favorecem o sedentarismo, o aluno, além de tudo, encontra diversas formas de divertimento que em nada gastam suas “energias”, como o computador, o acesso em demasia da internet. Enfim, um divertimento momentâneo que muito oferece, mas pouco exige da pessoa que usufrui desta atividade. Não quero desta forma, de maneira nenhuma evidenciar uma característica negativa a modernidade; sim, de fato ela permite uma grande possibilidade de aprendizagem, inclusive da educação física, mas em demasia provoca o sedentarismo, problemas que trazem diversos malefícios para a pessoa.

Desta forma, visando uma aula baseada no método parcial com repetição dos gestos de forma fragmentada, com certeza não motivará o aluno, pois a maioria dos exercícios não condiz com a realidade dinâmica do jogo. Por outro lado, numa abordagem sistêmica, o aluno vivencia mais o jogo, podendo se desenvolver técnica e taticamente, uma vez que sua motivação é bem maior. Ao propormos uma aula com essa abordagem, estaremos trazendo o aluno para perto do esporte, podendo vivenciá-lo em sua plenitude, independente da sua qualidade técnica. Ainda, mesmo sendo o professor quem conduz o processo de ensino, fazendo as propostas e as dirigindo segundo sua intenção e seus objetivos, os alunos também têm abertura para fazer sugestões e intervir nas decisões a serem tomadas, nos problemas a resolver. Nesse processo, os alunos podem, aos poucos, tornarem-se cada vez mais

independentes e responsáveis. Isso faz com tenham participação ativa no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem.

A intenção deste artigo é apresentar tanto a experiência vivida como os resultados obtidos ao se trabalhar a iniciação de um esporte em particular, no caso o handebol, através do método sistêmico. Embora esse texto não seja o relatório de uma pesquisa em sentido estrito, espera-se também conseguir indicar que houve maior motivação e participação dos alunos nas aulas de educação física, em função da adoção do método de ensino escolhido o situacional. Com isso, espera-se ter contribuído no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, foi realizado um projeto de Intervenção Pedagógica na iniciação esportiva de handebol utilizando o método situacional, oferecendo situações, problemas e tarefas de acordo com a capacidade do aluno, esperando-se que isso tenha feito com que os alunos desenvolvessem o esporte escolhido para esta experiência, isto é, o handebol, com mais criatividade, de modo que consigam elaborar tomadas de decisões mais adequadas em relação à realidade do jogo.

Foram realizadas atividades que favoreceram a motivação e a participação dos alunos e que também despertem sua imaginação de modo a conseguirem concluir as tarefas propostas. Por meio dessa ação, buscou-se, também, introduzir o esporte do handebol, dentro da proposta curricular da escola, em concordância com as Diretrizes Curriculares da SEED/PR e inserindo o esporte, na perspectiva da pedagogia crítico, como um conteúdo estruturante que toma parte da formação da cultura corporal dos alunos.

O esporte deve sempre estar atrelado ao Projeto Político Pedagógico da escola. Desta maneira, ele deve apresentar ações e metodologias bem definidas para propiciar a sua aprendizagem, fazendo com que os alunos saiam do individualismo e adquiram uma participação ampla nas muitas práticas que compõem a cultura corporal. Para tanto, fez-se uso de uma metodologia coerente, por meio da qual todos os alunos aprendam sem privilégios, mesmo, e principalmente, os menos habilidosos para o esporte, para que todos eles façam da prática um fator integrante de suas vidas.

Nesse sentido, o ensino de uma modalidade esportiva será muito importante se proporcionar aos alunos, uma formação geral do corpo, além dos aspectos relacionados com a aprendizagem dos elementos do esporte escolhido, isto é, sua técnica e tática. Fazendo parte da proposta pedagógica da escola é possível pensar

numa formação que leve o aluno a repensar no aprendizado do esporte como um aspecto de sua formação pessoal.

A Educação Física Escolar: Aspectos Gerais

Através da Educação Física busca-se entender o corpo em sua complexidade, a qual envolve diferentes aspectos que são compreendidos por meio de diferentes perspectivas, tais como: biológica, sociológica, psicológica e política. Nas Diretrizes Curriculares para Educação Básica (PARANÁ, 2008, p. 31), propõe-se formar sujeitos que construam sentidos para o mundo, que compreendam criticamente o contexto social e histórico de que são frutos e que, pelo acesso ao conhecimento, sejam capazes de uma inserção cidadã e transformadora na sociedade. É notória uma alteração na função social do ensino, que agora, ainda sob égide das Diretrizes Curriculares (PARANÁ, 2008), busca uma formação mais complexa, haja vista que a escola é responsável pela formação das pessoas que diretamente estarão à frente da sociedade, garantindo ou não a inserção eficaz, com criticidade e capacidades suficientes para conviver exercendo um papel ativo nessa sociedade.

Dentro de um projeto mais amplo de educação do Estado do Paraná, ainda citando as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, entende-se a escola como sendo “um espaço que, dentre outras coesões, deve garantir o acesso aos alunos ao conhecimento produzido historicamente pela humanidade” (PARANÁ, 2008, p.49), com vistas a um desenvolvimento pessoal capaz de possibilitar uma contribuição da pessoa para com a sociedade em que convive. De fato, é uma ambição grande da parte da educação atual, haja vista a histórica visão tradicional da pessoa como simples reprodutora do conhecimento. Hoje, o sujeito não só participa como constrói seu aprendizado, porém tem ainda um grande peso e responsabilidade, a figura do educador, neste processo. A Educação Física, neste contexto, explora um papel ainda mais importante, pois não pode ser encarada apenas como uma “válvula de escape” da sala de aula, mas como uma ciência capaz de contribuir positivamente para a proposta de formação cidadã, o que é evidenciado nas modificações notadas em seu processo de avaliação, por exemplo.

Ratificando esta informação, cita-se a colocação de Cristiane Marangon, que, sobre os instrumentos de avaliação da Educação Física, menciona que ela deve contemplar:

Realização das práticas: É preciso observar primeiro se o estudante respeita o companheiro, como lida com as próprias limitações (e as dos colegas) e como participa dentro do grupo. Em segundo lugar vem o saber fazer, o desempenho propriamente dito do aluno tanto nas atividades quanto na organização das mesmas. O professor deve estar atento para a realização correta de uma atividade e também como um aluno e o grupo formam equipes, montam um projeto e agem cooperativamente durante a aula.

Valorização da cultura corporal de movimento: É importante avaliar não só se o educando valoriza e participa de jogos esportivos. Relevante também é seu interesse e sua participação em danças, brincadeiras, excursões e outras formas de atividade física que compõem a nossa cultura dentro e fora da escola.

Relação da Educação Física com saúde e qualidade de vida: É necessário verificar como crianças e jovens relacionam elementos da cultura corporal aprendidos em atividades físicas com um conceito mais amplo, de qualidade de vida. (MARANGON, 2003)

Partindo de seu objeto de estudo e de ensino, a cultura corporal, a Educação Física se insere neste contexto educacional ao assegurar o acesso ao conhecimento e à reflexão crítica das inúmeras práticas corporais historicamente produzidas pela humanidade. Desse modo, busca contribuir para com um ideal mais amplo de formação, o qual colabora para a formação de um ser humano crítico e reflexivo, que se reconheça como sujeito que não é apenas produto, mas também agente histórico, político, social e cultural.

Assim, compreende-se a Educação Física escolar como parte do projeto geral de escolarização e, como tal, deve estar articulada ao projeto político-pedagógico da escola, pois tem seu objeto de estudo e ensino próprios. Ela trata de conhecimentos importantes para a formação dos discentes. Ratifica-se novamente que as aulas de Educação Física não são apêndices das demais disciplinas e atividades escolares, nem um momento subordinado e compensatório para as “durezas” das aulas em sala, mas sim uma proposta de trabalho com metodologias próprias que ajudam a “tecer a teia” de elementos básicos para a formação do cidadão, não apenas numa formação corporal, mas afetiva, cognitiva e sociocultural dos alunos (BRASIL, 1998 p. 15).

Se a atuação do professor se efetiva na quadra ou outros locais do ambiente escolar e em diferentes tempos pedagógicos, seu compromisso, tal como de todos

os professores, é com o projeto de escolarização ali instituído, sempre em favor da formação humana. Esses pressupostos se expressam no trato com os conteúdos específicos, tendo como objetivo formar a atitude crítica perante a cultura corporal, exigindo domínio do conhecimento e a possibilidade de sua construção a partir da escola. Nestes termos, menciona-se novamente o PCN de Educação Física, que ressalta que esta:

Possibilita aos alunos uma ampliação da visão sobre a cultura corporal de movimento, e, assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de espaços de participação em atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções. Ressignificar esses elementos da cultura e construí-los coletivamente é uma proposta de participação constante e responsável na sociedade. (BRASIL, 1998 p. 15)

Ao trabalhar o Conteúdo Estruturante esporte, os professores devem considerar os determinantes histórico-sociais responsáveis pela constituição do esporte ao longo do tempo, tendo em vista a possibilidade de recriação dessa prática corporal. Portanto, nas Diretrizes Curriculares de Educação Física, o esporte é entendido como uma atividade teórica-prática e um fenômeno social que, em suas várias manifestações e abordagens, pode ser uma ferramenta de aprendizado para o lazer, para o aprimoramento da saúde e para integrar os sujeitos em suas relações sociais. Logo, há destaque para o lúdico e para as práticas, mas também há uma base que deve nortear a prática, garantindo de fato a aprendizagem da modalidade, não apenas uma “correria” desorganizada na quadra de esportes.

Portanto, o ensino do esporte, nas aulas de Educação Física, deve sim contemplar o aprendizado das técnicas, táticas e regras básicas das modalidades esportivas, mas não se limitar a isso. É importante que o professor organize, em seu plano de trabalho docente, estratégias que possibilitem a análise crítica das inúmeras modalidades esportivas e do fenômeno esportivo que, sem dúvida, é algo bastante presente na sociedade atual. Em suma, o ensino de um esporte numa aula de Educação Física é considerada uma proposta de ação e reflexão. Neste ínterim, ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, observa-se que há certas atividades que podem ser trabalhadas:

[...] como objetos de ação e reflexão: os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, que têm em comum a representação

corporal de diversos aspectos da cultura humana. São atividades que ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando ora uma intenção mais próxima do caráter lúdico, ora mais próxima do pragmatismo e da objetividade. (BRASIL, 1998, p. 28)

Compreendendo esta realidade, percebe-se que há diferentes métodos de ensino do esporte. Quando o professor escolhe um método de ensino na Iniciação Esportiva, deve tomar o cuidado de ofertar um método que possa facilitar a aprendizagem e preparar o iniciante para o aprendizado/treinamento. Ele não pode ser desmotivador e maçante. Ao invés disso, espera-se que tenha sempre situações problemas para serem resolvidas e que proporcione momentos de prazer e alegria, não visando formar campeões, mas universalizar a prática desportiva. Conforme menciona Barreto:

A Educação Física nas escolas não pode ter por objetivo formar campeões, assim como não deve negar a possibilidade de que alguns realmente serão futuros campeões. Temos a necessidade de dissociar a Educação Física escolar de treinamento esportivo. A inserção dos alunos obesos, lentos e sem muita coordenação motora trará mais Qualidade de Vida ao conjunto, ensinando, não apenas, nossos limites, mas também em como conviver com os limites alheios. Nas escolas, os pré-requisitos para os professores de Educação Física não devem ser grandes atletas que sabem jogar, devem ser grandes professores que saibam ensinar. (BARRETO, 2010, p. 13).

A diversidade de alunos vai gerar conseqüentemente resultados diferenciados nas práticas esportivas, e compete ao professor buscar uma metodologia de ensino que inclua o maior número possível de alunos em suas práticas, sem promover a segregação de uns, e a supervalorização de outros.

Os Métodos de Ensino da Prática Esportiva

Dois princípios norteiam a metodologia do ensino aprendizagem dos jogos esportivos: o método analítico-sintético, derivado da corrente associacionista que influencia a teoria behaviorista, e outro, apoiado na teoria de Gestalt.

A metodologia de ensino de um esporte tem como função, segundo Greco (1998, p. 40), “proporcionar ao indivíduo (que não consegue realizar por ‘insight’ uma determinada ação) os meios, caminhos e ferramentas que facilitem e tornem

possível a obtenção de um novo nível de rendimento”. Logo, através da experiência de aprendizado de uma modalidade esportiva, a qual se dá a partir de uma metodologia de determinada, o aluno da escola, conhecendo os diferentes procedimentos e incorporando os muitos aspectos relacionados às dimensões técnicas e táticas das modalidades, pode obter um êxito maior em sua prática, o que pode levá-lo a atingir um sucesso maior ao realizá-la.

Definindo então os princípios da metodologia analítico-sintética, Greco (1998) argumenta que através do método analítico-sintético o aluno conhece, em primeiro lugar, os componentes técnicos do jogo através da repetição de exercícios de cada fundamento técnico, os quais são logo acoplados a série de exercícios, cada vez mais complexos e mais difíceis. À medida que a ajuda e a facilitação diminuem, gradativamente aumenta a complexidade e a dificuldade das ações. À medida que o aluno passa a dominar melhor cada exercício, passa a praticar uma nova sequência. Estes movimentos já dominados passam a ser integrado em um contexto maior, e logo permitirão o domínio dos componentes básicos da técnica inerente ao jogo esportivo, na sua situação do modelo ideal. A partir do avanço da dificuldade, novos desafios são propostos ao aluno que, vencendo a etapa anterior, motivar-se a ir mais além.

Ainda através de Greco (1998, p. 42), a sequência de ensino dos métodos de uma atividade esportiva deve partir:

- Do conhecido ao desconhecido – das partes ao todo: Partindo sempre daquilo que o aluno domina, busca-se ampliar este horizonte sem dispensar estes conhecimentos prévios já dominados pelo aluno, que representam sua realidade, que vai ser vincula a algo muito mais técnico e complexo, mas é “amenizado” por partir daquilo que o aluno já domina.
- Do fácil para o difícil – diminuição da ajuda: uma das causas do insucesso, tantos nos esportes quanto em qualquer área do saber é a desmotivação do aluno, que passa a se desinteressar por aquilo que julga ser incapaz de assimilar. Nestes termos, a prática esportiva deve englobar elementos fáceis, visando ao máximo, no maior número de alunos possível diminuir a desmotivação, para depois partir para os elementos mais complexos.
- Do simples para o complexo- aproximação gradativa: respeitando o avanço do aluno, gradativamente o professor torna estas técnicas mais abrangentes e complexas, que são encaradas como desafiadoras, mas

por vencer na fase anterior, o aluno sente-se motivado a avançar, para depois praticar com mais eficácia.

- Divisão da habilidade em fases funcionais: o método global-funcional caracteriza por ser desenvolvido através de série de jogos(recreativos, grandes jogos, pré-desportivos), de acordo com a faixa etária e capacidade técnica do iniciante.

Greco (1998, p. 47) explica que, nesse método, “[...] procura-se em cada jogo ou formas jogadas, pelo menos a ideia central do jogo ou que suas estruturas básicas estejam presentes na metodologia”. A divisão dos jogos não deve abranger muitas partes, de forma que o aluno consiga alcançar logo o jogo objetivado. Devemos ter cuidado, também, para que as formas de jogo prévias não sejam mais difíceis que o jogo objetivado (o jogo formal). Também não se deve esperar de todos o mesmo resultado, pois as características físicas e pessoais de cada um interferem na performance. Contudo, se o processo for realizado com cautela, respeitando os limites de cada um, pode ser extremamente abrangente com participação de todos os alunos, em maior ou menor escala.

Outro método de trabalho do ensino de práticas esportivas é o de confrontação, caracterizado pela maneira de como o iniciante aprende, onde a divisão do jogo em partes é desprezada e pretende-se que o iniciante aprenda através da prática do jogo formal (joga o jogo do adulto). Este método possui as seguintes vantagens:

- Grande motivação dos praticantes;
- Grande relacionamento social;
- Grande ganho de experiência de jogo;
- Método mais fácil para o professor.

Suas desvantagens são:

- Muitas variações de situações, muito complexo;
- Poucas experiências de sucesso, reconhecimento dos mais hábeis;
- Muitos erros técnicos e táticos sem correções;
- Grande diferença dentro do grupo.

O método de confrontação faz com que a prática ocorra por si só, sem os devidos fundamentos básicos. Os alunos com mais facilidade psicomotora e conhecimento da prática se destacam, enquanto os que “perdem” facilmente desanimam podendo até criar uma aversão à prática esportiva, tão importante para a vivência do aluno.

Ainda retratando os métodos de ensino da prática esportiva, destaca-se o método parcial. Neste método, o iniciante aprende a técnica através da repetição dos gestos de forma segmentada para chegar ao todo (jogo), as atividades podem ter poucas motivações para alguns alunos e ao mesmo tempo um alto grau de exigências para outros e como não é desenvolvido através de situação real de jogo. Greco (1998) descarta a utilização pura deste método parcial para iniciação aos jogos esportivos coletivos. Esta metodologia traz mais prejuízos do que vantagens ao iniciante. Acerca das vantagens, pode-se citar:

Vantagens:

- Possibilita o domínio da técnica, ocorrendo, às vezes, o sucesso nas experiências, na obtenção do rendimento;
- As correções são diretas e podem eventualmente, ser bem compreendida pelo aluno;
- Dificilmente é criada uma situação de conflito social entre os participantes.
- Em relação às desvantagens, destaca-se:
- Não sacia o desejo de jogar do iniciante;
- Corre-se o risco de se ter uma aula com pouca motivação para alguns alunos e um alto grau de exigências para outros;
- O iniciante, muitas vezes, não consegue relacionar a tarefa realizada com sua utilização porque os exercícios fogem à realidade do jogo, enquanto as experiências em grupo ficam em segundo plano.
- Greco justifica a proposta de utilização do método situacional:

[...] o método de ensino aprendizagem-treinamento dos jogos esportivos coletivos, portanto, deve relacionar e considerar que a aprendizagem pode ser compreendida como a construção e modificação constante dos sistemas individuais de ação; a aprendizagem esta ligada ao prolongado desenvolvimento e aumento da experiência de jogo que exige a apresentação de uma alternativa pedagógica, em que o jogo, na sua ideia básica, não seja alterado. (GRECO, 1998, p. 55).

O método situacional procura incorporar o desenvolvimento paralelo de processos cognitivos inerentes à compreensão das táticas do jogo e se compõem de jogadas básicas extraídas de situações padrões de jogo. Greco (1998) ainda diz ser este método válido para a iniciação esportiva na escola, como também uma alternativa para as escolinhas e clubes.

Para Greco (1998), as grandes vantagens deste método de ensino se baseiam na proximidade das ações e situações apresentadas com as situações reais do jogo competitivo formal fazendo com que os alunos conheçam o jogo nas suas diferentes fases e planos, inter-relacionando sempre suas capacidades técnicas, táticas e cognitivas na busca de soluções para as tarefas-problema que a situação padrão demanda.

Com o método situacional é possível desenvolver, simultaneamente, as capacidades técnicas e táticas, já que não só será exigida a execução de uma técnica (como fazer) como também que o mesmo tome decisões (o quê fazer). Este método une as vantagens de quase todos os outros métodos trabalhados anteriormente, e ainda evita a maioria das desvantagens, por respeitar o tempo do aluno, ensinando a prática desportiva de maneira mais abrangente, em etapas cíclicas e claramente divididas, permitindo que ele avance pela proposição de novos desafios que aumentam gradativamente a dificuldade da prática esportiva, à medida que este se envolve com o processo de ensino/aprendizagem. Em suma, na sociedade atual tudo evoluiu, e o método situacional representa uma grande evolução em relação às metodologias tradicionais de ensino, permitindo um ensino de Educação Física mais universalizado, e com possibilidades de abranger um número maior de alunos, através de um diagnóstico inicial, o avanço parcial e gradativo nas técnicas de ensino de determinado esporte, e por fim, para a felicidade dos alunos a prática desportiva, mas com as devidas bases já trabalhadas.

Sobre as Aulas de Handebol em Novo Método

Através de métodos de ensinamentos convencionais, ou seja, tradicionais, utilizados por mim durante longos anos de trabalho, nada mudou em relação às aulas na escola. Em parte, este desenvolvimento tradicional da prática do Handebol ratifica-

se pela grande ansiedade dos alunos em rapidamente praticar a atividade desportiva sem, necessariamente, trabalhar eficazmente as bases e fundamentos para o desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, como grande dificuldade de trabalhar as aulas de educação física, aponto que, de um lado, a Educação Física soa como uma ciência apenas lúdica ou prática, de outro, há o descaso de alguns alunos quanto à funcionalidade da mesma, colocando grandes empecilhos no trabalho do professor desta ciência, especialmente no tocante ao trabalho de fundamentos teóricos, que exigem também um momento em sala de aula, e muitos alunos reclamam destes momentos. Compreendendo esta dificuldade e com as bases necessárias para ensinar um esporte por meio de outro método de ensino, baseado numa proposta de solução de situações-problemas, ao invés de pura repetição monótona e sem sentido, bastava delimitar uma atividade e uma turma e iniciar a experiência. A modalidade escolhida foi o Handebol, pois, no decorrer do ensino deste esporte, observei a grande dificuldade dos alunos, principalmente as meninas, em aprendê-lo, pois faltava motivação. Mudando a forma de ensinar, busquei conseguir uma melhoria na aprendizagem, uma participação mais efetiva de todos os alunos e, é claro, a assimilação dessas práticas em um esporte pouco divulgado na mídia, isto é, um tanto quanto fora da realidade dos alunos.

A turma escolhida para implementação do projeto na escola foi a 6ª série, na faixa etária entre 11 e 12 anos, do turno vespertino do Colégio Estadual Cândido Portinari. Alunos e alunas da turma citada foram convidados a participar do aprendizado da prática desta modalidade, por meio de uma metodologia de ensino alternativa. Os alunos com essa idade (11 a 12 anos) estão no limite da iniciação esportiva universal, defendida por Greco e Ribas (1998).

O tempo previsto para a execução dessa proposta de intervenção foi de quinze (15) aulas. Inicialmente, notei um pouco de resistência, por parte dos alunos. Também foi perceptível certo clima de surpresa por parte deles, quando apresentei uma metodologia diferenciada de ensino de uma prática esportiva. Contudo, por ser realizada na quadra de esportes, ou seja, por ser algo bastante prático, a aceitação foi boa, por parte dos alunos.

Comparando estas aulas com as tradicionais, posso assegurar que os alunos participaram mais. O fato de ter ocorrido uma explicação de todo o processo também colaborou para a participação mais significativa dos alunos, pois não tinham

porque tentar justificar o não envolvimento ou o esforço em aprender o esporte com a desculpa, sem sentido, não saberem praticar a modalidade.

Obviamente, é cedo para falar em transformações significativas, mas com relação às práticas anteriores, pude perceber que o jogo de Handebol contou com um número menor de infrações e que as alunas também participaram mais ativamente da atividade, o que proporcionou uma integração maior da turma toda.

Ressalto que a aplicação de um novo método de ensino, com esses alunos, talvez exija mais do que as quinze aulas propostas no material didático, originalmente utilizado (algumas das quais são apresentadas em material anexo). Porém, isso, somente o tempo pode nos responder. Outro cuidado a ser tomado está relacionado à avaliação, pois esta é processual, realizada através de observação e do envolvimento dos alunos nas atividades podendo se tornar subjetivas e variando de acordo com o humor, a disposição do avaliador (o professor) e o retorno dado pelos alunos as atividades propostas. O que dizer de uma prática constante deste novo método? É certo que, ainda, mais mudanças virão, sendo que os resultados serão visíveis por toda a escola.

Sendo mais específico em relação desenvolvimento de meu trabalho, posso mencionar que, no primeiro dia de aula da execução do projeto, foi criada uma grande expectativa por parte dos alunos, uma vez que eu já havia anunciado, em aulas anteriores, que eles iriam participar de um projeto de iniciação esportiva de Handebol. Além disso, eu havia enfatizado que isso poderia ser muito interessante, já que iriam trabalhar esse esporte de um modo diferente daquele que estavam, até então, habituados.

Na sequencia das atividades propostas, tanto no planejamento como na execução das aulas através do ciclo de preparação gradativa, das regras e fundamentos e da prática posterior, o trabalho foi realizado tranquilamente, pois a cada nova atividade aumentava a expectativa da parte dos alunos. A turma era muito participativa, procurando sempre fazer as tarefas, embora, às vezes, quisessem partir direto para o jogo, propriamente dito.

Por ser turma mista, foi muito interessante. Notei que os meninos procuravam sempre atuar mais com outros meninos, o que levava as meninas a reclamar. Quando isso acontecia, eu parava a atividade para orientá-los, de modo a evitar essa segregação e separação, pois ambos, meninos e meninas tinham o direito de aprender o esporte e podiam, por meio de cooperação, atuar juntos. Além disso, eu

insistia que a contribuição das meninas também seria muito útil, pois, na sociedade em que vivemos, temos de conviver com todas as pessoas, de todos os tipos, sendo por meio da interação com pessoas diferentes de nós que ampliamos nossa percepção de mundo, nossos horizontes, pois aumentamos nosso círculo de convivência. Assim, o fato da aula ser mista possibilitou, ainda, o auxílio mútuo e o compartilhamento entre os alunos, que se ajudavam e se corrigiam quando ocorriam falhas.

Depois do domínio gradativo dos fundamentos e bases que norteiam o jogo de Handebol, partimos para exercícios na quadra, o que os alunos gostaram bastante. Quase todos cumpriram com qualidade as atividades propostas, respeitando as regras e os fundamentos do Handebol. Após a formulação desta base teórica e prática, procedi com a prática de Handebol misto, jogando partidas dirigidas e orientadas, tanto por mim quanto pelos próprios alunos que, agora dominam a prática desta modalidade, alguns em menor, outros em maior escala. Entretanto, todos aprenderam e participaram, fato que é muito positivo e foi um dos objetivos das minhas aulas de educação física no método sistêmico, envolvendo o máximo de alunos possíveis da turma.

Percebi também, no decorrer do projeto, que as dificuldades apresentadas são as mesmas da maioria de outros professores, ou seja, falta de interesse dos alunos por determinadas atividades. Na tentativa de motivar os alunos a participarem e envolvê-los no processo de ensino-aprendizagem, muitos professores podem se desmotivar também, em função da própria falta de interesse dos alunos. Como resposta a essa situação, alguns utilizam, em grande escala recursos tecnológicos, como o computador, redes sociais, jogos eletrônicos, entre outros, que auxiliam muito o processo de ensino aprendizagem, mas que não resolvem o problema, propriamente dito. Além disso, o uso em excesso desses instrumentos, é tido como um dos fatores que contribuem para o sedentarismo, que, por sua vez, está associado a uma série de problemas de saúde. Além disso, isso pode reduzir as possibilidades motoras do aluno, o que dificulta, cada vez mais, o aprendizado das práticas corporais e, portanto, de seu uso, fora do ambiente escolar, para outros fins, como o lazer pessoal, o exercício visando a melhoria da aptidão física ou a saúde e a integração social, por meio das práticas com outras pessoas.

Esta “nova forma de ensinar” também foi muito importante, para mim, pois veio dar resposta a um anseio constante que todo o educador deve ter ao

desenvolver suas atividades, o que nos leva a sempre estarmos reavaliando nossos métodos e forma de trabalho, o que possibilita, em última análise, um melhor aprendizado para os alunos. A atividade, num aspecto geral, ocorreu muito bem e trouxe resultados, tais como: maior integração entre meninas e meninos, aumento da motivação nas aulas ao realizar as atividades, e uma satisfação pessoal de minha parte ao perceber que os alunos aprenderam a atividade proposta, sendo estes bem significativos, mesmo sendo realizada num curto espaço de tempo, mas o fato é que a participação dos alunos aumentou, especialmente das meninas que não se envolviam com qualidade nas aulas de Educação Física, e os mesmos ainda solicitaram a continuação do projeto, ou seja, das aulas em novo método.

Em suma, a técnica descrita por Greco deu certo ao ser aplicada no Colégio Estadual Cândido Portinari. Ela se mostrou eficiente no ensino de Handebol, especialmente pelo uso das situações problema, pois alguns alunos sentiam-se desafiados e evoluíam. Outros alunos ficavam com medo de não conseguir, mas, com incentivo, conseguiam realizar a prática. Pude perceber que a motivação destes alunos pode vir a ser muito grande, quando incentivados a jogar o Handebol com mais eficiência. Isso foi reflexo direto das atividades propostas por Greco, pois permitem que cada um amplie a sua capacidade na prática esportiva, conforme menciona o autor na seguinte citação:

Temos ressaltado a necessidade de unir atividades onde se apresentam ao aluno, de forma inter-relacionada, diferentes exigências técnico-coordenativas e táticas, simultaneamente. Temos ainda destacado a importância de que sejam sempre adequadas aos níveis individuais de capacidade técnico-motora e de compreensão do jogo (GRECCO, 1998, p. 47).

Enfim, utilizando-me dos exercícios que Grecco (1998) sugere, o ensino de Educação Física se tornou mais abrangente e menos segregador, permitindo o envolvimento de mais alunos, através de um método que aproveitou a individualidade de cada um. Tanto eu quanto meus alunos nos adaptamos a este novo método, que trouxe diversos resultados positivos, mencionados anteriormente, dos quais destaco, especialmente, um aprendizado mais eficiente da parte dos alunos e uma mudança no meu perfil, como profissional.

Considerações Finais

Dentro dos métodos apresentados, o situacional apresenta-se como sendo realmente capaz de fazer essa ponte, entre a teoria e a prática do Handebol, oferecendo situações, problemas e tarefas de acordo com a capacidade do aluno, mantendo o foco central do jogo sem saber o que é mais cativante para o aluno. Ele permite através de um trabalho maior, cíclico e gradativo que todos os alunos evoluam aos poucos, do simples para o mais difícil. Estes avanços motivam porque o aluno percebe a sua evolução, que antecede a prática aonde ele pode por a prova o que aprendeu de fato, pelo seu esforço, com o estímulo e reforço feito pelo professor.

Em suma, acredito que esta prática foi importante para meu crescimento pessoal e profissional e, à medida que o tempo passar, especialmente para meus alunos, que contarão com uma forma mais abrangente e universalizadora do ensino da Educação Física. Não creio que com isso vou transformar o mundo, mas para a realidade de minha escola e dos meus alunos, aos poucos, vou acrescentar algo a mais, para que, de fato, com a minha contribuição à educação consiga cumprir sua função social, que é o exercício pleno da cidadania.

Se conseguirmos que o aluno faça da prática um fator integrante da sua vida pessoal, e se nós professores também atingirmos este objetivo, pelo menos com um aluno, já terá valido a pena todo o esforço e dedicação desprendido nas aulas.

Referências

BARRETO, Selva Maria Guimarães. Esporte e Saúde. **Revista Eletrônica de Ciências**, n. 22, out./nov./dez. de 2003. Disponível em: <http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_22/esportesaude.html>. Acesso em: 01 jun. 2012.

BAYER, Claude. **Técnica del balonmano**: la formacion del jugador. Barcelona, Hispano Europea, 1987.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: educação física. Brasília: MEC/SEF, 1998. 114 p.

GRECO, P. J.; RIBAS, J. **Iniciação esportiva universal**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MARANGON, Cristiane. **Como avaliar na educação física**. 2003. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/como-avaliar-educacao-fisica-424308.shtml>>. Acesso em: 05 jul. 2012.

NAVARRO, R. T. **Os caminhos da educação física no Paraná: do currículo básico às diretrizes curriculares**. Curitiba: UFPR, 2007.

PARANÁ. Secretaria Estadual Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica: educação física**. Curitiba: SEED, 1990.

SANCHEZ, Domingo Blázquez. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 3. ed. Barcelona: Inde, 1998.

Anexo - Exemplos de atividades desenvolvidas nas aulas de Handebol através do Método Sistêmico

1 - Técnicas para aprimorar o número de passos na ação de passar ou lançar em suspensão - Antes do início da atividade, como forma de aquecimento e integração maior do grupo, os alunos corriam de um lado para outro da quadra, de forma moderada, e ao meu sinal cada aluno deveria dar um, dois ou três passos, e saltar com a perna de impulsão e fazer o gesto técnico do lançamento, anteriormente demonstrado por mim aos alunos. Assim pude identificar os alunos que tinham dificuldades nesta prática e auxiliá-los a corrigir, e estes poderiam treinar as técnicas de passe e lançamento em suspensão, que demandavam mais organização da parte dos alunos para efetuá-las corretamente.

2 - Técnicas para Driblar e Lançar – Em primeira mão os alunos formaram quatro filas em um dos lados da quadra. O primeiro de cada fila ficava com a bola, e se deslocava até o outro lado da quadra, driblando em linha reta dentro de sua região, e lançando a gol. A cada elemento efetuado incorretamente, eu intervia ensinando a maneira correta.

3 - Técnicas para Saltar, Receber e Passar – Os alunos foram dispostos em grupos de três alunos, os quais recebiam e passavam a bola entre si, entre um mesmo salto. A distância entre os alunos gradativamente ia aumentando, auxiliando os mesmos a controlar a força do passe, além de treinar a recepção e o salto.

4 - Técnicas para drible de proteção, visão periférica do drible e domínio da técnica do drible – Os alunos foram dispostos em um espaço de aproximadamente

10 m², delimitados por cordas organizadas antecipadamente por mim. Em grupos de 05 alunos, 04 ficavam no quadrado com a bola e 01 ficava sem. Aquele que estava sem a bola, deveria tentar tomar dos demais, que tentavam driblar para se esquivar dos ataques do colega. Venceu a atividade o aluno que menos vezes ficou sem a bola, sendo que eu fazia o controle anotando as vezes que cada aluno ficava sem a bola.

5 - Técnicas para treinar a precisão do lançamento, auxílio na tomada de decisão de onde passar a bola – Utilizei 10 bolas, 04 bambolês e 02 cordas de dois metros cada. O objetivo era com os bambolês e as cordas, criar um alvo móvel passando a corda com o Bambolê e um saco de areia ao centro, por cima da trave. De um lado um aluno puxava a corda e o Bambolê junto com o saco de areia subia e descia, ficando a trave com dois bambolês de alvo móvel pra cima e pra baixo. Neste momento o aluno lançava a bola, acertando o alvo. Isso serviu para os alunos treinarem o tempo do passe, levando em consideração o movimento, direcionando o passe a frente do movimento do bambolê, para acertar o saco de areia.